



O TECELÃO DE EROS: *ACENOS E AFAGOS*, ROMANCE E HOMOTEXTUALIDADE EM DE JOÃO GILBERTO NOLL

WEAVER EROS: WAVE AND STROKE, ROMANCE AND IN HOMOTEXTUAL JOHN GILBERTO NOLL

Sandro Adriano da Silva¹

RESUMO: A literatura de João Gilberto Noll é dionisíaca. Sentimo-la em toda intensidade, que funda seu ato criador, sua insubordinação à apreensão do leitor. O desejo de narrar estatiza o belo, na instabilidade e fragilidade das personagens, da estética da forma, um certo tônus à narratividade, sempre elíptica, esquizofrênica, residual. *Acenos e afagos* (2008) é um dos mais expressivos romances do autor gaúcho em que se podem pensar os exercícios semióticos de articulação de signos culturais – e a sexualidade está inclusa em tal conjunto -, como exemplos de um dionisíaco homoerotismo. A prosa nolleana não guarda filialismos fáceis, mas provoca-os ao trazer ao aparente uma percepção trágica pelo *eros* centrado na experiência interna do narrador-protagonista. Este artigo, que se assume fragmentário, tangencia matizes desse romance de Noll, no que ele tem de redefinição do simbólico, do precário, e, talvez por isso mesmo, historicamente sintomático de algumas experiências da contemporaneidade acerca das relações entre literatura, identidade e homotexto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, *Acenos e afagos*, João Gilberto Noll, homotextualidade.

ABSTRACT: João Gilberto Noll's literature is dionisiac. We feel it intensely as a creative act, rebellious lecture. The desire of telling makes the beauty static, as we can notice in the characters' instability and fragility and in the shape aesthetic. There's certain strength to the narrativity which is always elliptical, schizophrenic, lasting. *Acenos e afagos* (2008) is one of the more expressive novels written by the author from Rio Grande do Sul. By analysing this novel we can think the semiotic tasks of cultural signs articulation – and the sexuality is included in such whole, - as a dionisiac homoerotism. Noll's prose doesn't allow we label it easily, because it discusses the tragic perception of the narrator's erotic experience. This fragmented article deals with symbolic features, which are historically symptomatic of some contemporary experiences about the relations between literature, identity and homotext.

KEY WORDS: Literature, *Acenos e afagos*, João Gilberto Noll, homotextuality.

LUTÁVAMOS NO CHÃO FRIO DO CORREDOR. Do consultório do dentista vinha o barulho incisivo da broca. E nós dois a lutar deitados, às vezes rolando pela escada da portaria abaixo. Crianças, trabalhávamos no avesso, para que as verdadeiras intenções não fossem nem sequer sugeridas. Súbito, os dois

¹ Mestrando em Letras - Estudos Literários (UEM). Vinculado ao grupo de pesquisa "Sujeito e Identidade na Literatura" / UEM. Atualmente, desenvolve dissertação sobre o romance *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll. Contato: sandro@unipan.br.



corpos pararam e ficaram ali, aguardando. Aguardando o quê? Nem nós dois sabíamos com alguma limpidez. A impossibilidade de uma intenção aberta produzia essa luta ardendo em vácuo. O guri meu colega de escola estava nesse exato minuto me prendendo. Seu corpo em cima do meu parecia tão forte que teria de me render. O que sentiriam os rendidos? E as conseqüências práticas, quais seriam? Conteí de um colega cujos pêlos do pentelho -, aliás, com um futuro ruivo, começavam a nascer. Pentelho? Eu trouxe a novidade pronunciando por ignorância a última vogal com um “a”. Os pêlos apareciam primeiro na região da virilha, nas laterais, portanto. Ou mais embaixo um pouco, quase no saco. Nunca ouvira falar antes desse tufo encrespado a encobrir o sexo parcialmente. Na minha drástica compreensão, esses fios emaranhados deveriam coroar a escalada sexual. Coroar de algum modo que agora me fugia. O que viria depois da floração da pequena juba parecia ainda muito distante, se é que poderíamos contar com alguma outra grande novidade da genitália em botão. Acreditávamos os dois que a excitação de um corpo conheceria a plenitude com a chegada do pentelho. A luxúria adulta estava então lançada. Vivíamos padecendo no aguardo da bendita erupção [...] A possibilidade de sermos pilhados pelo dentista mais dramatizava o sentimento meio fosco entre o gozo e sua imediata negação. Para fugirmos do dilema, lutávamos, lutávamos sempre mais, rolávamos. [...] Nunca mais sentiríamos tanto tesão por outra matéria tão improvável quanto a nossa (NOLL, 2008, p.7-9).

INTRODUÇÃO

A escrita-ludo

Ninguém lê João Gilberto Noll impunemente.

A partir do excerto acima, sua leitura produz um efeito estético pessoal e intransferível na medida em que lemos o livro como a sentir que o texto se prepara para uma espécie de ludo sexual solitário. Daí este ensaio limitar-se a apresentar tão somente as imagens iniciais do romance, porque, afinal, não podemos gozar no lugar do outro. Seria tão ou igualmente lesa-arte quanto uma sinopse de Almodóvar – impossível reduzir-lhe o sensualismo pictório. Assim se dá com a prosa de Noll, a cada página, há um precipitar de imagens que se vão configurando pela intuição que nos conduz a estalar os limites do real, aflorando aí o princípio do prazer, e trazendo ao plano da linguagem a imagem do desejo. Nunca uma leitura-*voyeur*. Nós a sentimos a contrapelo como uma “poética verbal” (PAZ, 1994, p. 17). Leitura (psicanalítica? Literária?) – leitura desveladora, atenta à carga concreta, material da expressão, como testemunho dos sentidos. Prosa poética elaborada *na* e *pela* dimensão dos afetos; ela se assume, assim, uma metáfora do desejo, na medida em que este está “fundamentalmente ligado às representações e às articulações dos significantes que conduzem ao sentido” (GUYOMARD, 1996, p. 37).



Mas, a despeito de ser proposto pelo narrador, em um dado momento da narrativa, como uma “epopéia libidinal” (NOLL, 2008, p. 48), *Acenos e afagos*, (2008), o mais recente lançamento de Noll, está longe de ser um desses livros que se lêem com uma mão só. E para os que acompanham a escrita desse autor gaúcho - destituída de gauchismos, mas repleta de *gauchismos* baudelaireanos -, seja pela leitura catalítica, que dilacera nossas perplexidades mais íntimas, tocando-nos, desestabilizando-nos, por sua escrita emergencial, cujo lirismo sinestésico traduz uma certa dose de apelo, danação, errância, *Acenos e Afagos* é a volta da *ars poetica* de Noll a essa linguagem nevrálgica, labiríntica, cúmplice absoluta do eros:

Vinha-me então esse gosto condenado na boca, gerando mais e mais excitação, o transe até [...] Tudo poderia estar imerso em seu silêncio, tudo, até alguma pane em sua identidade. Tudo poderia estar imerso em seu silêncio, sim, até a perturbação que minhas mãos produziam em sua pele (NOLL, 2008, p.11 e 12).

Na prosa nolleana visualizamos as “marcas de pluralidade constituída no signo da transgressão homotextual” (STOCKINGER, 1978, p. 56) e do estranhamento, da sintaxe narrativa assimétrica, convulsa, esquizóide – num misto de nem loucura mais produtiva nem normalidade mais centrada, que cerceia e liberta personagens ora em um euforismo incontido ora em uma vacuidade existencial, que podem ser tomados como elementos de operacionalização de sua leitura:

Foi só ali que me dei conta de que eu tinha passado do filme para mim mesmo naturalmente, como se entre o espetáculo e minha vida bruta não houvesse um hiato. Eu atravessara o cinema para os corredores do shopping sem notar qualquer fronteira entre os dois pólos (NOLL, 2008, p. 17).

NARRATIVA, DESEJO E HOMOTEXTUALIDADE: INTERFACES

Entretanto, *Acenos e afagos* não se constitui um *dejavù* nolleano; ainda que o próprio autor aceite uma certa filiação ao dilacerante *A fúria do corpo*, escrito em 1981, os romances diferem em relação à entrega incondicional das personagens ao gozo, rompendo com nossos horizontes de expectativas. Que termine em gozo, transformação ou revelação é uma metáfora de sua própria



elaboração textual, como propõe Armstrong (1989), ao tratar da homotextualidade, na medida em que o desejo “mostra-se incontornável, ele visa essencialmente a uma superação em direção ao desconhecido” (BONNICI, 2007, p. 58):

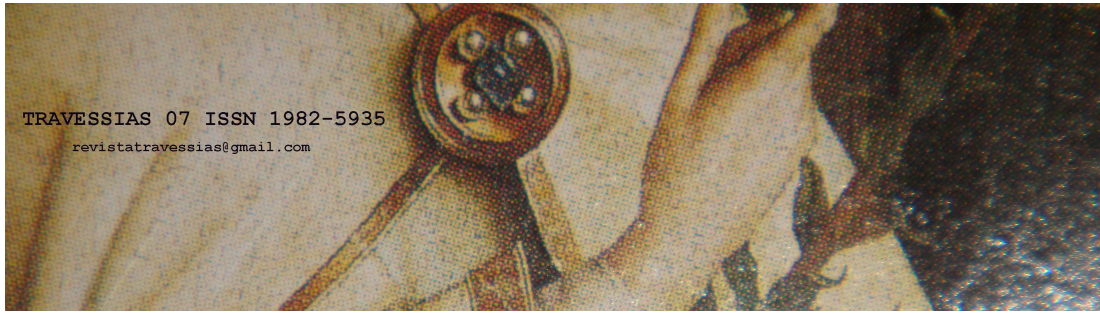
Lá ia eu de novo arrastado pelo seu avassalador magnetismo. Com o segurança eu atuava então num teatro latente, mas que jamais fora montado nem nunca o seria. No primeiro ato tiro a roupa imaginária diante do parrudo [...] Nunca mais vi o segurança, nem na real e nem na imagem (NOLL, 2008, p. 19).

Aliás, essa tem sido, ao longo da produção literária de João Gilberto Noll, desde o final da década de 1970, e reunida em uma coletânea (NOLL, 1997), uma de suas predileções estéticas - uma incisiva configuração artístico-formal tão agonística quanto o erotismo homoafetivo que agencia seu imaginário literário. Em seu texto opera-se uma espécie de desterritorialização da narrativa, transformando em conteúdo latente o trânsito entre “experiência ficcional e a experiência urbana da contemporaneidade”, (SÜSSEKIND, 2005, p. 34), aqui redimensionada para a perspectiva de uma homosocialidade

Nela, o corpo, um autêntico *leitmotiv*, é explorado como categoria social e pré-discursiva, propondo uma ressignificação das identidades, naquilo que têm de transitórias, errantes, e, talvez, por isso mesmo, verossímeis, como um “corpo imaginário”, uma “terceira pele”(NOLL, 2008, p. 32) Em *Acenos e Afagos*, o narrador de Noll se vê temeroso pela diluição das margens entre o eu e o outro, e isso quase o transforma em um anti-herói, “sem mediação da linguagem até” (NOLL, 2008, p. 42).

Como aponta a interpretação de Calabrese (1988), às vezes, esse sujeito aparece sob um olhar convulsionado, próprio de uma experiência neobarroca, que engendra o fragmentarismo atribuído à pós-modernidade, como propõe Hutcheon (1991), evidenciando, assim, a tensão gerada entre a fenomenologia da obra e esse “gozo da enunciação”:

Ali não tive dúvida de que eu era nada mais que máquina e que tudo dependeria dos caprichos dessa geringonça. E isso não me entristeceu. Ao contrário, aumentou o meu apreço pela construção insular do corpo (NOLL, 2008, p. 71-72).



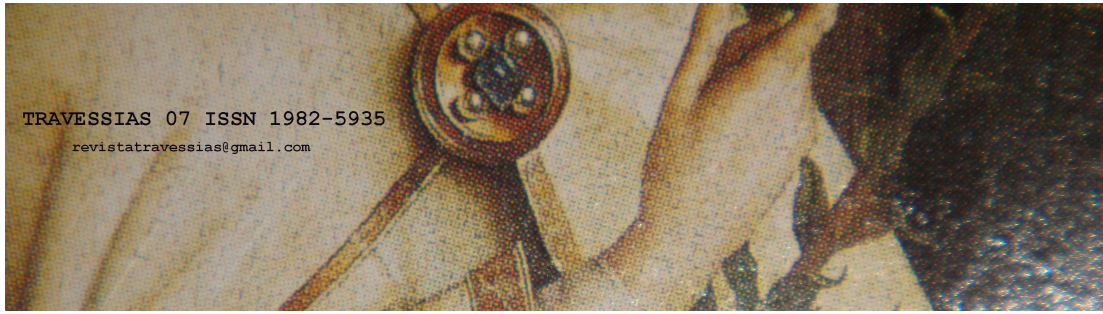
O drama do desejo, dessa “epopéia libidinal” (NOLL, 2008, p. 48) aqui, metaforicamente, se insinua, se desenvolve, se concretiza em consonância com a arquitetura narrativa e da memória:

Não era um espectro emanado de meu pensamento? [...] Eu tergiversava num plano nebuloso, certamente para não ter de encarnar o amigo engenheiro em seu titânico [...] Ao mesmo, em outro plano, eu ia recuperando a lembrança de tudo pelo megaestímulo de rever o meu amor (NOLL, 2008, p. 76).

Há uma desestabilização da concepção do espaço geometricamente ordenado, em virtude de uma lógica do movimento, da dispersão, do descontínuo, que nos remete, por contigüidade, a toda uma “reordenação espacial híbrida” (SONTAG, 1987), que marca outros livros do autor—*Acenos e afagos* retoma, nessa economia do espaço, a preferência de Noll pelos não-lugares; neles, as noções identitárias, relacionais, históricas, como concebe Marc Augé (2005, p. 73), são desfeitas, em uma clara-escuro relação com o processo de indeterminação da identidade sexual do narrador-personagem, constituindo-se como *eccentric subject* – termo cunhado por De Lauretis, (1990) -, ao remapear os limites do corpo, do discurso, da consciência, por uma dialética da margens, do inescrito.

Assim como Baudelaire tropeçava em palavras nas calçadas, Noll tropeça na libido - libido da escrita, nesse delírio de “inadequação fundamental da linguagem” (BARTHES, 2004, p. 23). Talvez seja exatamente nesse traço inequívoco de modernidade – a *flânerie* baudelaireana -, o que em Noll reconhecemos como uma espécie de diáspora errante, absoluta, da escrita, do desejo, da interdição, da palavra como lugar de fala e de escuta dessa libido que “joga com os signos em vez de destruí-los (BARTHES, 2004, p. 29), configurando-se uma narrativa de impasse, “muito leve, com o mesmo peso de uma borboleta no dorso do nada” (NOLL, 2008, p. 90).

Acenos e afagos, não obstante apresentar uma semântica nua e crua, por vezes suprassexual, talvez seja o livro em que ela, paradoxalmente, se pretenda menos “anatômica”. Nesse romance, Noll nos mostra, e parece escamotear, pela questão da performatividade, de que fala Butler (1997), dos personagens, pelo agenciamento das questões relativas aos papéis sexuais, o corpo como lugar em que se instalam coerções e as incontornáveis práticas de subordinação e



assujeitamento, uma espécie de *anagnorisis*, como quando o narrador-protagonista apercebe-se da metamorfose:

La me constituindo em uma mulher no conteúdo de um homem. Aos poucos faria vingar a mulher até em minha superfície. Por enquanto não me constituía nem numa coisa nem noutra, eu deveria só dar conta das prendas domésticas e à noite fazer valer meu pau no ânus delicioso do engenheiro. O gemido que exalava, quando eu gozava no seu fundo escuro, valia toda uma vida. Comendo-o, eu participava de suas entranhas. [...] Chega um momento como agora, em que tanto faz estar aqui como lá, já que tudo é a mesma diluição (NOLL, 2008, p. 108-109).

Nessa psicanálise da escrita do corpo - e do corpo da escrita -, o autor nos apresenta o que se poderia considerar uma *epopéia do desejo*. Nela se forja essa tragicidade, posto que a experiência humana do desejo, ensina-nos a psicanálise, “é uma experiência trágica” (MAURANO, 2001, 25).

O desejo tende a se firmar contra tudo e contra todos, pode ser silenciado, por dispositivos de “biopoder” (FOUCAULT, 1988); mas desejo nunca pode ser de todo escamoteado, porque, também historicamente, forjamos espaços, instituições, agenciamentos, enfim, que se configuram como lugares, como vontades de saber. A partir deles é que se podem “reconstituir os processos insidiosos de estigmatização” (FINK, 1998) “outremização” (BONNICI, 2007), “patologização” (GRANA, 1998), confinamento e vigilância (FOUCAULT, 1979). O desejo, elemento fundante, permanece indestrutível até a morte justamente porque é da ordem de tânatos, como propõe a psicanálise lacaniana (LACAN, 1988, p. 141). O desejo é sempre desviante, errático, remete a uma perda fundamental a partir da linguagem, configurando-se, enfim, uma “demanda vital para o sujeito” (HARARI, 1990, p. 41), o que confirma a personagem do romance: “as minhas incursões de libido poderiam ser variadas, pródigas, mas acabavam resultando como se truncadas” (NOLL, 2008, p. 114).

Nesse desejo, um verdadeiro projeto poético em *Acenos e Afagos*, na medida em que ele se expressa como núcleo irradiador de significado, ao reinventar uma subjetividade, reconfigurando-a a partir do corpo: “O meu destino parecia se situar fora das circunstâncias. Eu era desde sempre um espaço vago para qualquer um estacionar” (NOLL, 2008, p. 137). No drama existencial que avulta da metamorfose pela qual passa o narrador-personagem, é possível ler uma estética da identidade; nela, o sujeito é a marca de um interesse socialmente construído e inserido no corpo



pela economia de um desejo administrado, como instância material que, sabemos, “possibilita um conjunto de práticas, de ações simbólicas de dominação em um contexto social mais amplo, multissexual, e erotismos emancipados” (PRATT, 2004).

De todos os romances de João Gilberto Noll, *Acenos e Afagos* é o que mais incisivamente nos propõe uma textualidade como lugar de encenação de uma ficção política que questiona os regimes sexuais heteronormativos baseada no corpo e no prazer - uma metáfora da falência de uma sociabilidade corporal de fronteiras visíveis, de natureza binária masculino/feminino (MELO, 2005). Texto-sintoma para uma análise das identidades, tanto quanto para os estudos gays e lésbicos, como a teoria *queer* ou aos estudos pós-coloniais em literatura, que articulam, com critérios epistemológicos diferentes - mas que dialogam entre si no tratamento das questões da construção dos sujeitos -, as estratégias textuais que põe em relevo o “caráter provisório das noções de identidade” (SANTIAGO, 2000), aqui metaforizada no corpo-limite de experimentações:

Toquei novamente no meu púbis e constatei o pior: parecia que eu perdera os pontos cardeais da genitália. Em lugar deles verificava que onde eu costumava encontrar o meu pau e saco, percebia agora um terreno pantanoso aqui, alagado ali, um campo sem terra firme ou saliências, sem vestígios do que outrora compunha a minha zona mais erógena. Aí relaxei debaixo dele e disse baixinho, seja o que a infâmia quiser, e então me dei por resignado. Abri as pernas como uma mulher, cruzei os pés na área lombar dele, e comecei a estudar o que eu realmente sentia com suas investidas. O engenheiro procurava perfurar e logo mergulhar no meu âmago sempre resistente. Às vezes ele parecia não ter mais pau de tão imerso em mim. Parecia até um embrião dentro de mim. Ao mesmo tempo eu tinha a sensação de estar já formando um hímen a partir de uma base genital ainda incipiente (NOLL, 2008, p. 143).

Acenos e afagos engendra aquela narração desejante e afirmativa dentro de uma (já) tradição homotextual brasileira e latinoamericana, como apontam as análises de Trevisan (2000) e COSTA (1992) que, na perspectiva dos estudos *queer*, reescreve as questões que incidem sobre o corpo sexual, compreendido como lugar de exercício subjetivo, de constituição mesma de um sujeito do desejo; tanto quanto opera um revisionismo em relação ao corpo em sua dimensão social regulada pelas injunções históricas capazes de redefinir, as identidades sexuais. Todas essas questões de ordens diferentes podem, por sua vez, recair sobre os matizes da literatura, especificamente da literatura homoerótica, tocando o “caráter prescritivo do cânone literário” (SHOWALTER, 1993). Essa historiografia da homotextualidade, nos termos da ficção brasileira,



tem sido escrita, na maior parte dos casos, pela ousadia anticanônica de trabalhos como os de Garcia e Santos (2002), Bessa (1997) e de Louro (2004), cuja apresentação da produção cultural e literária que problematiza essas questões e que dão visibilidade a essas identidades sexuais.

A questão condutória e incisiva desses trabalhos remete à pertinência de uma crítica cultural, e em particular, literária, cujo centro seja um olhar homoafetivo e a representação da homossexualidade como elementos de imbricação estético-político, a partir dos quais, entre outras questões, é possível determinar que a homossexualidade entra na definição do texto, essa é a mais didática concepção de homotextualidade, e não só por aspectos ideológicos ou biográficos, bem como para além da determinação dos *topoi* eróticos, ou *camp*, para utilizar uma terminologia da Teoria *Queer* (BUTLER, 1990).

Toda leitura e toda interpretação sempre partem de um lugar e de um sujeito: o da enunciação. Todos somos herdeiros de uma memória social, histórica, literária latino-americana, que traz as marcas violentas dos regimes ditatoriais que impingiram por décadas um silenciamento dessas vozes plurais e uma subordinação.

Nesse momento tão oportuno que marca as discussões sobre gênero, cânone, paradigmas, a construção dessa historiografia pode partir, por exemplo, de eleger como elemento norteador um levantamento de como a problemática das relações homoafetivas emerge através de personagens, comportamentos, temas. Isso é importante, em um primeiro momento: não descartar nesse *corpus* literário, verdadeiros traços, ruínas de uma história sufocada, residual. Urge “desnaturalizar os substancialismos” - como aposta Pierre Bourdieu (1999) -, que também nutriram a crítica literária ao longo do século XX, evidentemente, isso não é suficiente; é necessário pôr a nu o solo que possibilitou a emergência decisiva de uma crítica literária que se institucionalize seu objeto – a homotextualidade.

Para tanto, ainda estamos levantando possibilidades de articulação entre obras, na moldura de uma historiografia homoerótica, desconstrutora da dualidade homossexualidade/heterossexualidade, apesar da dificuldade de encontrar uma bibliografia teórica específica que ultrapasse a problemática de uma história da homossexualidade ou estudos de casos em moldes antropológicos ou sociológicos – o que já é muito, considerando-se a tradição engessada dos estudos literários que, até o surgimento dos estudos culturais, sempre foram omissos no trato dessas questões. A exclusão, o silenciamento e o interdito dessa problemática na crítica e história literária brasileira deve ser vista de forma nuançada de modo



que se procure entender a frágil emergência de um olhar crítico e uma produção diferenciada no presente, bem como as razões do silêncio no passado, como o medo da estigmatização e exclusão.

Dissemos que ninguém pode ler Noll impunemente, tanto quanto se torna impossível permanecer o mesmo depois de Puig, Bayly, Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago. Toda leitura literária é um evento, uma reescrita da obra, “uma projeção e um reconhecimento dos fantasmas do leitor no texto, um gozo” (FINK, 1998, p. 45). Toda crítica de literatura é judicativa - ambas são estéticas e políticas, o que nos leva a considerar que os estudos literários devem acionar, mais que estratégias de leitura, uma nova sensibilidade em torno da (des)construção do Sujeito e de desnudamento das dívidas histórico-sociais que promoveram, ao longo dos séculos, o apagamento dessas vozes, na História, nas histórias do cotidiano, no imaginário, e, em particular, na literatura como “ato socialmente simbólico” (JAMESON, 1992).

O olhar para a homotextualidade na literatura brasileira deve emergir sob o signo do “revisionismo de paradigmas” (JOBIM, 2002, p. 76) de cânones hierarquizados porque tidos como inamovíveis; operar deslocamentos, desterritorializar verdades e desnaturalizar as relações entre linguagem e “poder simbólico”, de que nos fala Bourdieu, (1999), na constituição das identidades. *Acenos e afagos*, constituindo-se uma erotismo verbal, como o desejo, está para além do princípio de prazer; propõe-nos uma genealogia do presente, na qual a homotextualidade possa representar formas mais amplas de liberdade. Exercício mesmo de uma operacionalização de conceitos como homossociabilidade e homoafetividade na constituição desse “homolhar” que circunscreve a teia dessa narrativa literária - narrativa do corpo-à-deriva, das identidades que, em sua tragicidade, não chanceladas.

Acenos e afagos pode ser lido como metáfora de nossa capacidade de sermos fantasistas, uma condição humana universal, mas que, com tal, é particularizada numa “história concreta” (ENRIQUEZ, 1990, p. 26) e, como o sujeito se realiza em uma circunstância particular, os fantasmas são subjetivados. Daí o sentimento contraditório de pertença com que o narrador-protagonista organiza o simbólico mediante a metamorfose do corpo. O fantasma, pelo viés psicanalítico, é “histórico e, ao mesmo tempo, cria um ilusionismo” (VALLEJO, 197?, p. 78), um afeto, uma fascinação, um “delírio interpretante” (PASSOS, 1995, p. 20). Dilema da identidade, da libido, do mito, da arte, da literatura, por um princípio de multiplicidade, ressignificação *aletheia* – o “dynamismo trágico”, segundo Vernant (1999, p. 225). Sem, contudo,



cercear a especificidade do efeito estético, sua pluralidade, uma vez que o literário configura-se um tecido de significantes, em que gira um *querer-saber* diverso.

O romance de Noll, em sua insistente linha de força metafórica do corpo em metamorfose de gênero, alude à predileção pelo fragmento com que o universo ficcional de Noll configura o desbiografismo das personagens, “cuja representação gravita em torno da problemática identitária” (AVELAR, 1994). Seu erotismo, como “questão incisiva do ser”, como afirma Bataille (1982), implode a noção de identidade, agora no limite do pertencimento – o corpo semiotizado pela desconstrução do binarismo masculino/feminino -, tal como a “crise de balizas identitárias” se impõe na agenda das socialidades pós-modernas (HALL, 1998, p. 37). Nela, as identidades, assim como a própria noção de sujeito se tornam tão complexas quanto (in)evitáveis (MORIN, 1996, p. 45): “Não era mais homem sem me encarnar no papel de mulher. Eu flutuava, sem o peso das determinações” (NOLL, 2008, p. 145).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acenos e afagos, uma *ars* erótica, uma metáfora do corpo e da escrita nolleana à deriva. Texto-fantasma que converte uma realidade construída histórica e semioticamente sobre o homoerotismo em uma realidade literária, metafórica. Suscita algo do simbólico lá onde é proposto algo do imaginário. Sem dúvida, sua leitura suscita provocações, tais como a do rastreamento dos liames aqui sublinhados, e dos quais esse ensaio se assume devedor – uma perspectiva psicanalítica e homoerótica de “escuta” desse romance que, ao gravitar em torno da metáfora da metamorfose do corpo, redefine as questões que se impõe à agenda das socialidades pós-modernas, em particular das homosocialidades, quais sejam, a rarefação dos essencialismos historicamente construídos, e a construção do lugar ilocucionário da homotextualidade, que, enquanto exercício de leitura, e de fala, enceta para um *querer-saber* discursivo, judicativo e imputável.

A literatura de João Gilberto Noll, acerca dessa fissura no imaginário do corpo como totalidade, como uma simbólica corporal, sobretudo em *Acenos e afagos*, pode ser compreendida nesse cenário de indiferenciação que preferimos pensar como problematização de outros lugares, quais sejam, os da arte, da técnica, da cultura, da imagem, como extensão das emblemáticas da pós-modernidade. O romance é construído em torno dessas questões cada vez mais incisivas aos



novos paradigmas (palavra um tanto suspeita e anacrônica na agenda contemporânea) éticos e estéticos da pós-modernidade. Instigante pela simbolicidade, *Acenos e afagos* parece pôr na berlinda as relações ontológicas do corpo a partir de um engendramento da subjetividade como produto final (limite) de registros semioticamente orientados para a implosão da noção de gênero, considerando-se que a metamorfose, aqui, é também processo de crise, mas sobretudo de uma percepção que estenda o horizonte de expectativas de nosso imaginário corporal que dão bem a medida do seu drama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

STOCKINGER, J. Homotextuality: a proposal. In: CREW, L. (Org.). **The gay academic**. California, ETC, 1978.

NOLL, J. G. **A fúria do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

_____. **Acenos e afagos**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Romances e contos reunidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ARMSTRONG, N. **Desire and domestic fiction**. Oxford: OUP, 1989.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad. Maria Lúcia Pereira. 5. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

SÜSSEKIND, F. Desterritorialização e forma literária: literatura brasileira contemporânea e experiência urbana. In: **Literatura e sociedade**. v. 8. Salvador, Janeiro, 2005, p. 34-47.

SONTAG, S. Notas sobre o camp. In: **Contra a interpretação**. Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 318-337.

CALABRESE, O. **A idade neobarroca**. São Paulo: Martins Fontes; Lisboa: Edições 70, 1988.

DE LAURETIS, T. Eccentric subject: feminist theory and historical consciousness. In: *Feminist studies*. Maryland, 16, n. 1 (Spring), 1990, p. 115-150.

MAURANO, D. **A face oculta do amor**: a tragédia à luz da psicanálise. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2001.



FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir**. Trad. Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Petrópolis, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

LACAN, J. **O seminário – Livro 7: a ética da psicanálise**. Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 141.

HARARI, R. **Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan**. Trad. Marta M. Okamoto, Luiz Gonzaga B. Filho. Campinas, São Paulo: Papirus, 1990, p. 41.

MELO, A. **El amor de los muchachos: homosexualidad y literatura**. Buenos Aires: Ediciones Lea, 2005.

MORIN, E. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Trad. Jussara Hauert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 45-57.

SANTIAGO, S. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

GARCIA, W.; SANTOS, R. (Org.). **A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays lésbicos no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2002.

BESSA, M. S. **Histórias positivas: a literatura (des) construindo a Aids**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LOURO, G. L. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *Queer* como políticas de conhecimento. In: LOPES, P. et al. (Org.). **Imagem e diversidade sexual**. São Paulo: Nojosa, 2004, p. 23-28.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. London: Routledge, 1990.

_____. **Excitable speech: a politic of the performative**. New York; London: Routledge, 1997.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Trad. Maria de Lourdes Câmara. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

JAMESON, F. A interpretação como ato socialmente simbólico. In: _____. **O inconsciente político**. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992, p. 15-103.



JOBIM, J. L. **Formas da teoria:** sentidos, conceitos, políticas e campos de força nos estudos literários. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

AVELAR, I. Bares desiertos y calles sin nombres: literatura y experiencia en tiempos sombríos. In: **Revista de crítica cultural.** n. 9, novembro 1994, p. 73-43.

BATAILLE, G. **O erotismo.** Trad. Antônio Carlos Viana. Rio de Janeiro: L&PM, 1982.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

ENRIQUEZ, E. **Da horda ao estado:** psicanálise do vínculo social. Trad. Tereza Cristina Cerreteiro et al. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

PAZ, O. **A dupla chama:** amor e erotismo. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

GUYOMARD, P. **O gozo do trágico.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (Transmissão da Psicanálise).

VALLEJO, A. O lugar da verdade no discurso psicanalítico. In: **Cadernos de Psicanálise, Arte e Literatura.** São Paulo: Cortez, 1977?

VERNANT, P. O sujeito trágico: historicidade e transitoriedade. In: VERNANT, P.; VIDAL-NAQUET, P. **Mito e tragédia na Grécia antiga I e II.** Trad. Anna Lia A. de Almeida Prado et al. 1. ed. 1 reimp. São Paulo: Perspectiva, 1999. (Coleção estudos).

PRATT, M. L. Los imaginários planetários. In: **IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 19 julho 2004.

SHOWALTER, E. **Anarquia sexual:** sexo e cultura no *fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

